VIVIANE ROCHA

“Ideia Cattani”

Organizador: Agnaldo Farias

Acentua-se, cada vez mais, a necessidade de refletir sobre questões da arte moderna e contemporânea, sobre o papel da crítica nos dias de hoje, sobre a poética e poética dos artistas, como também sobre questões da metodologia da pesquisa em arte. Pois o livro *Icleia Cattani*, uma coletânea de textos críticos de inestimável valor e cuidadosamente organizados por Agnaldo Farias, que faz parte das coleções sobre artes visuais – *Pensamento Crítico* e *Fala do Artista* – um dos mais recentes lançamentos da Funarte, aborda esses temas tão polêmicos expondo respostas possíveis a seus questionamentos.

Icleia Cattani é professora Titular de História, Teoria e Crítica de Arte no Departamento e no PPG Artes Visuais / UFRGS. Doutora em História da Arte Contemporânea - Universidade de Paris I - Panthéon-Sorbonne. Pós-doutorado em Filosofia da Arte-Paris I. É também pesquisadora, crítica de arte e curadora.

Os textos que apresentam o pensamento crítico de Icleia Cattani foram distribuídos em cinco áreas temáticas: Pensando o Brasil Moderno; Arte em tempo de globalização; Questões atuais da crítica; Artistas e Pesquisa.

Pensando o Brasil Moderno trata dos cruzamentos e encruzilhadas de sentidos em que se produziram as artes modernas e contemporâneas brasileiras. Avalia como a atualização no Brasil, tanto na arte quanto na cultura, foi elaborada a partir de um desejo de modernidade, mais que de condições efetivas existentes na sociedade. Indica elementos que marcaram nossa produção artística modernista, bem como as distinções entre elas. Comenta sobre as relações complexas dos modernistas brasileiros com a produção artística européia dos anos 20, que fomentaram questões ligadas a uma identidade nacional e até mesmo regional. Avalia as relações entre vanguarda e o movimento de retorno à ordem, que se manifestou na arte de diferentes maneiras em alguns países da Europa, e para compreender como esses conceitos se relacionam com o que deveria constituir a *vanguarda* em São Paulo nos anos 20, sugere uma análise das relações complexas forjadas no contexto brasileiro pela introdução da industrialização. E sustenta que a idéia de uma ordem histórica também foi importante no Brasil naquela época porque não havia a necessidade de negar a história, mas sim, de inserir-se em sua continuidade e, principalmente recriá-la, pois a pintura modernista colocou-se como uma atualização com os sistemas de signos europeus e simultaneamente, através do resgate de tradições marginalizadas, procurou sua própria identidade.

Arte em tempo de globalização propõe pensarmos possíveis Intercâmbios Culturais nas Américas, a partir da reflexão sobre as tramas que permeiam o processo de

globalização, não à margem, mas dentro do mesmo, e sobre as relações que os grupos hegemônicos instauram com os demais e nas relações que elas provocam. Propõe um novo olhar, a partir desta reflexão, sobre a arte realizada nas Américas e o questionamento das categorias e hierarquias existentes nos dias de hoje. Avalia, através do exemplo da Documenta 11 / Kassel / Alemanha, que, apesar da afirmação de que a arte está em crise, a riqueza da reflexão criativa e da criação reflexiva continua existindo na arte com grande força, onde as obras interpelam os espectadores, motivando-os a refletir e a interagir com elas.

Em *Questões atuais da crítica*, são pensados alguns problemas enfrentados pela crítica atual frente à dificuldade de fazer avaliações de valor e julgamentos de gosto, bem como de uma crítica que vá ao encontro de um consenso cultural. Uma alternativa possível, sugerida por Icleia Cattani nesse contexto, é a crítica voltar-se para as inúmeras formas da arte “à margem”, definida como aquela que é elaborada na plena consciência dos processos de exclusão ou de neutralização gerados pela globalização e que assume uma posição crítica frente a esse estado de coisas, trabalhando com as questões das fronteiras, das migrações, das mestiçagens, das contaminações culturais, mas também com os conflitos ocultos, as assimetrias sociais e econômicas, a nova cartografia mundial. Examina algumas produções da arte à margem que trabalham com a questão da mestiçagem, definindo os *lugares da mestiçagem na arte contemporânea* como sendo os lugares de tensão entre o original e a sua cópia, entre espaços de representação diferenciados, entre sistemas formais diversos, entre os ícones consagrados e sua dessacralização. Entretanto, avalia que encontrar o valor dessas obras à margem do sistema demanda instrumentos conceituais e metodológicos específicos. Dentre esses instrumentos de análise destaca-se a *poiética*, como determinante, pois em relação à arte à margem ela é a principal reveladora de lógicas criadoras diferentes, que escapam aos procedimentos consensuais, podendo só o ato de instauração esclarecer certos aspectos desse tipo de obra. Diferencia ainda alguns conceitos como *agregações*, *apropriações*, *proliferações*, *citações* recorrentes na arte contemporânea e distingue dois enfoques diferenciados quanto à questão da *série* e *repetição na arte moderna e contemporânea*, que ocorre em ambas de modo sistemático: como *procedimento* e como *estilo*. Argumenta que a contemporaneidade instaurou as diferentes formas de repetição de maneira mais assumida, mais declarada e mais sistemática que a modernidade, e que o momento contemporâneo na arte, coloca novas questões que partem das repetições para chegar ao núcleo de novas diferenças constitutivas.

Artistas, é a área temática que reúne análises e interpretações das obras de artistas como Iberê Camargo, Xico Stockinger, Frans Krajcberg, Cildo Meireles, Karim Lambrecht, Vera Chaves Barcellos, Nick Rands, Dione Veiga Vieira e Gisela Waetge. Neles encontramos, a partir de uma análise poiética das obras, reflexões sobre a pintura, a escultura em pedra, sobre o papel das poiéticas na re-significação das obras, sobre o risco como forma de

resistência e criação artística, bem como sobre o caráter de apresentação e não representação das obras, sobre as relações entre o original e a cópia, sobre rituais, limites, territórios e vestígios.

Pesquisa trata do lugar da pesquisa na arte contemporânea, distinguindo a pesquisa *em arte*, como aquela relacionada à criação das obras, da pesquisa *sobre arte*, como aquela que envolve a análise das obras e suas especificidades metodológicas. Além disso, reflete sobre a existência de um preconceito em relação à questão da pesquisa e/ou da metodologia na área de artes plásticas, como se estas fossem destruir a inspiração, sufocar a criatividade, esterilizar a obra que se tornaria mera ilustração de teorias. E alerta que encontrar uma metodologia de trabalho que ajude a expressar o que se quer, da forma como se quer e, manter o espírito investigativo sistemático, são maneiras de aprofundar e enriquecer a obra, ampliando a sensibilidade e a qualidade do processo criativo. E registra que a pesquisa *em arte* e a pesquisa *sobre arte* são duas instâncias fundamentais da práxis artística nas sociedades contemporâneas.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA:

FARIAS, Agnaldo (org.). Icleia Catani. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

VIVIANE ROCHA é doutoranda em Artes Visuais - História, Teoria e Crítica da Arte — no IA/UFRGS, mestre na mesma área, especialista em Museologia, bacharel em Filosofia, é arte-educadora, professora e curadora.